

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdiglei Borges Prado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382 Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Éverton Nery Carneiro, Valdiglei Borges Prado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-948-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.483222102>

1. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Carneiro, Éverton Nery (Organizador). III. Prado, Valdiglei Borges (Organizador). IV. Título.

CDD 200

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.







Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos é um e-book elaborado a partir de vários olhares e práticas investigativas que transita pelos eixos das Ciências Humanas e Sociais estabelecendo relações dialógicas com tema como: Teologia, Filosofia, Religiosidade, Espiritualidade, Diálogos, Narrativas, Símbolos (...) e nesse bojo o sentido à vida. Organizado em seis capítulos teóricos onde primeiro deles, propõe ao ouvinte-leitor hodierno um mergulho no mundo narrado, prestando atenção no design narrativo do enredo, na retórica do discurso narrativo, bem como no arco dramático das personagens. O segundo capítulo, busca evidenciar que a vivência da fé na Era Digital se torna um imperativo para reflexão a partir de uma práxis na Pastoral da Comunicação Social – PASCOM. O terceiro capítulo, debate particularmente as interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. O quarto capítulo, visa apresentar a cultura da época e o pensamento dos primeiros cristãos, expor a ideia grega de perfeição e confrontá-la com o pensamento cristão, que via na preocupação excessiva com a forma um paganismo, e compreender por que os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que do ponto de vista estético é visto como decadência. O quinto capítulo, analisa a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Gilbert Durand, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. O sexto capítulo, traz a percepção de que o diálogo que levanta a questão da religião tem abordagem complexa, especialmente quando se concentra nas religiões africanas, dada a recusa da literatura acadêmica e o papel negativo que historicamente moldou a matriz social baseada na desigualdade. À guisa de conclusão, arriscamos dizer que os textos desta obra e seus arranjos, sua interrelação com a religiosidade e com a espiritualidade, nos fazem refletir sobre a importância da religião, como uma fonte antiga e também atual, de sentido à vida.

Isto dito, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdiglei Borges Prado



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSONAGENS DA BÍBLIA HEBRAICA	
Petterson Brey	
Francisca Cirlena C. O. Suzuki	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
DISCIPULADO DE IGUAIS, MULHERES E HOMENS, NA MISSÃO DE JESUS CRISTO EM REDE: COMUNICANDO A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL	
Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon	
Diego Fernando Moreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
DIÁLOGO ENTRE RELIGIÕES NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II	
Danillo Rangell Pinheiro Pereira	
Iraeidson Santos Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
ARTE PALEOCRISTÃ: INSPIRAÇÃO AOS ARTISTAS SACROS CONTEMPORÂNEOS CLÁUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK	
Wilma Steagall De Tommaso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
DO TARÔ EUROPEU MEDIEVAL AO TARÔ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: SIMBOLOGIA ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO IMAGÉTICA	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
“DESPRECONCEITUOSAMENTE” UMBANDISTA: A RELIGIÃO NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE PIERRE SANCHIS E DO DOCUMENTÁRIO “SANTO FORTE” DE EDUARDO COUTINHO	
Marcelo Máximo Purificação	
Elisângela Maura Catarino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>70</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>72</b>

# CAPÍTULO 4

## ARTE PALEOCRISTÃ: INSPIRAÇÃO AOS ARTISTAS SACROS CONTEMPORÂNEOS CLÁUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK

Data de aceite: 01/02/2022

**Wilma Steagall De Tommaso**

<http://lattes.cnpq.br/8209900139809763>

**RESUMO:** O Concílio Vaticano II nos convida a voltar às raízes sob duas proposições fundamentais: *ad fontes* e *aggiornamento*. Entender “voltar às fontes” sob o ponto de vista artístico pede aprofundamento nos primórdios do cristianismo. Os cristãos entram no mundo cultural e artístico quando todo o Mediterrâneo é governado pela cultura greco-romana. Nosso objetivo é apresentar a cultura da época e o pensamento dos primeiros cristãos, expor a ideia grega de perfeição e confrontá-la com o pensamento cristão, que via na preocupação excessiva com a forma um paganismo, e compreender por que os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que do ponto de vista estético é visto como decadência. Para ressaltar esses aspectos serão citadas reflexões e a arte de dois artistas sacros contemporâneos e suas respectivas interpretações que têm como base os textos conciliares e suas interpretações: o brasileiro Cláudio Pastro (1948-2016) e o esloveno Marko Ivan Rupnik (1956).

**PALAVRAS-CHAVE:** Concílio Vaticano II - Arte paleocristã - Cláudio Pastro - Marko Ivan Rupnik.

**ABSTRACT:** The Second Vatican Council invites us to return to our roots under two fundamental propositions: *ad sources* and *aggiornamento*.

Understanding “going back to the sources” from the artistic point of view requires a deeper understanding of the beginnings of Christianity. Christians enter the cultural and artistic world when the entire Mediterranean is governed by Greco-Roman culture. Our aim is to present the culture of the time and the thinking of the early Christians, expose the Greek idea of perfection and confront it with Christian thought, which saw an excessive preoccupation with form as paganism, and understand why Christians abandon the way of making art, which from the aesthetic point of view is seen as decadence. To highlight these aspects, reflections and the art of two contemporary sacred artists and their respective interpretations based on the conciliar texts and their interpretations will be mentioned: the Brazilian Cláudio Pastro (1948-2016) and the Slovenian Marko Ivan Rupnik (1956).

**KEYWORDS:** Second Vatican Council - Paleochristian art - Claudius Pastro - Marko Ivan Rupnik.

### 1 | INTRODUÇÃO

Os cristãos surgem quando Israel estava inserido no mundo dominado militarmente pelo Império Romano, mas cultural e religiosamente dominado pela civilização helênica, maior e anterior, cujo cunho educacional – essencialmente, uma *paideia* –, de treinamento de raciocínio e caráter, trazia a tradição de literatura e erudição, filosofia e ciência, arte e educação física<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Christopher DAWSON. *A Formação da cristandade: das origens na tradição judaico-cristã à ascensão e queda da unidade medie-*

Tomás Spidlik aponta três dimensões da síntese espiritual e cultural cristalizadas no nascimento da cristandade: a dimensão bíblica da fé judaico-cristã; a intelectual e conceitual da reflexão vinda da Grécia e a jurídica organizativa e programática de Roma. As três dimensões, articuladas em um organismo, conceberam uma nova e inédita civilização<sup>2</sup>

## 2 | A ARTE E BELEZA NO PERÍODO CLÁSSICO DA ANTIGUIDADE

A cultura helênica dá preferência à arquitetura e à escultura e privilegia o material: construção do espaço como devir do Cosmo, do qual a arquitetura é prolongamento. As formas ideais, perfeitas, os corpos com harmonia inexistente na natureza e os templos com precisão óptica impecável indicam o primado da ideia.

A divergência entre a ideia, que representa a harmonia – portanto, a eternidade –, e a matéria, menos segura em existência, forma e sentido, não foi resolvida pela filosofia, mas pela mitologia. Daí o pensamento trágico dos gregos. Para evitar o trágico, conformava-se o corpo à ideia, que sobreviveria. Não só se vê sob a ideia, mas corrige-se, embeleza-se e se aperfeiçoa.

Já a arte cristã não busca perfeição formal nem estética, mas evocar uma memória viva, não de um valor, ideia ou doutrina, mas de uma pessoa, Jesus Cristo. Por isso, os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que sob o ponto de vista da perfeição formal seria uma verdadeira decadência. A forma não interessa, não porque não estejam à altura de realizá-la, mas porque a visão clássica não se afina com a fé cristã<sup>3</sup>.

---

val, p 201.

2 Cf. Marko Ivan RUPNIK. *La belleza, lugar del conocimiento integral*. Disponível em <http://comunicacioninstitucional.ufv.es/wp-content/uploads/2013/10/Lectio-DHC-Rupnik-.pdf>. Acessado em 29 de jun. de 2018.

3 Cf. Natasa Govekar, curadora. *Il rosso della piazza d'oro: Intervista a Marko Ivan Rupnik su arte, fede ed evangelizzazione*. p. 114-115.

### 3 | A ARTE DAS CATACUMBAS



Figura 1: Afresco. Virgem orante com o Menino. Cemitério Maior. Roma, Itália. Séculos III-IV.

A arte cristã surge nas catacumbas, na contracorrente das grandes esculturas greco-romanas e conta o evento Cristo de modo a tornar compreensível a intervenção de Deus na humanidade. Essa arte cria um espaço onde o fiel contempla a unidade de tudo junto a tudo, como organismo vivo, pessoal, capaz de comunhão. No interior do organismo que é Cristo – significado de tudo – o fiel em sinergia com o Espírito Santo encontra a unidade do tudo<sup>4</sup>. Mas o povo que aderiu à nova doutrina já trazia sua tradição e suas ideias sobre vida e salvação:

Por mais que a mensagem do evangelho cristão exortasse seus ouvintes a romper com seu passado em ato radical de conversão, a prática era tomar contato com o mundo circunstante nas suas profundezas linguísticas e culturais. Para entender a história das igrejas cristãs primitivas, devemos, pois, ter em vista a diversidade dos ambientes sociais e culturais em que o movimento se espalhou<sup>5</sup>.

As catacumbas continham grafites, esboços, signos e símbolos. Símbolos pagãos ganham nova significação. O jardim, a palmeira e o pavão designam o paraíso terrestre; o tema erótico de Eros e Psique torna-se a sede da alma e o amor de Deus em Cristo; Hermes, símbolo da humanidade, representa o Bom Pastor. Há cenas do Antigo Testamento: Daniel e os leões, Adão e Eva. Ao fim do século II surgem símbolos de fato cristãos: multiplicação dos pães – o banquete eucarístico; adoração dos reis Magos – a entrada dos pagãos na Aliança; e símbolos compreendidos por poucos, como a vinha e o peixe, *ichthys*<sup>6</sup>. Tais signos são encontrados na Espanha, na Ásia Menor, da África até o Reno, em traços

4 Idem. p. 219-219.

5 Dale T. IRVIN; Scott W. SUNQUIST, *História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453*, v. I, p.73.

6 Do grego ΙΧΘΥΣ: Ιέσους Χριστός Θεού Υός Σότερ.

sumários e uma estrita gama de cores. A Igreja não impõe um programa. As imagens, não cultuais, retratam momentos do Cristo ou da Virgem<sup>7</sup>. Como diz Evdokmov, nas catacumbas havia uma arte puramente significativa, didática, que proclama a salvação e traça seus instrumentos por meio de signos decifráveis, que:

Podem ser classificados em três grupos: 1) tudo o que se refere a água: a arca de Noé, Jonas, o peixe, a âncora; 2) tudo o que se relaciona com o pão e o vinho: a multiplicação dos pães, o trigo, a vinha; 3) tudo o que diz respeito à salvação e aos que foram salvos: os três jovens na fornalha, Daniel entre os leões, o pássaro fênix, Lázaro ressuscitado, o Bom Pastor. [...] Observa-se maior negligência na forma artística e ausência de um desenvolvimento teológico. O Bom Pastor não representa o Cristo histórico, mas quer dizer: o Salvador salva realmente<sup>8</sup>.

O culto cristão não era centrado em imagem, mas no altar do sacrifício. O templo não se limitava à mesa com a estátua de um deus, mas reunia uma comunidade em torno do banquete sagrado. Recusavam a imagem cultural, considerada expressão do culto pagão aos ídolos, como recusavam a imagem imperial, motivo pelo qual eram perseguidos. As imagens também contrariavam a Lei mosaica. A Igreja acabou aceitando a imagem no espaço cultural, não na forma de estátuas, mas de pinturas. Isso se deu após discussões teológicas da natureza do Cristo, quando surge uma doutrina das imagens que justifica em retrospecto seu uso cultural. Segundo Hans Belting, autores atuais retomam o argumento com o mesmo respeito dispensado ao ícone:

É assim que persiste o erro de acreditar que se tratava de uma interpretação originalmente cristã e originalmente intelectual da imagem, como se os cristãos tivessem tido uma relação clara, face a face das imagens cultuais de seus ancestrais pagãos. Mas não se deve deixar induzir por esse erro de uma doutrina apologética que sublima práticas existentes buscando uma justificativa teórica *a posteriori*. A doutrina dos ícones não pode então ser tomada tal qual, pois ela não deixa de ser um produto da controvérsia histórica em torno da imagem religiosa<sup>9</sup>.

Após a conversão constantiniana houve tranquilidade para produzir obras de exaltação da nova fé. Práticas religiosas helenísticas e romanas foram assimiladas, mas a maior herança veio da religião de Israel, como a oposição do Deus invisível e único aos deuses visíveis.

## 4 | O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II

O Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>10</sup> buscou a atualização e renovação da Igreja. Os documentos do Vaticano II exigiram estudo, prática, compreensão e iniciativa da hierarquia e dos cristãos. Além de aplausos e críticas, que não faltaram, houve quem se dispôs pôr

7 Cf. Alain BESANÇON, *L'image interdite: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme*, p. 206-207.

8 Paul EVDOKMOV, *L'art de l'icône: théologie de la beauté*, p. 149.

9 Hans BELTING, *Image et culte: une histoire de l'image avant l'époque de l'art*, p. 193-194.

10 Maior evento católico do século XX. Convocado pelo Papa João XXIII em 25 de dezembro de 1961 e aberto oficialmente em 11 de outubro de 1962, foi encerrado pelo Papa Paulo VI em 8 de dezembro de 1965.

em prática as conclusões, e também não faltou oposição, o que indica que a Igreja dá lugar a quem olha para a frente como a quem se prende ao passado e rejeita inovações<sup>11</sup>. Segundo Libânio:

O modelo de Igreja-sociedade perfeita, cujos contornos visíveis e jurídicos se deixavam identificar, eclipsa-se diante da visão de uma Igreja-mistério que vem da Trindade, é-lhe ícone e orienta-se para ela. Recupera-se este aspecto de mistério, seja superando a visão objetivista pré-moderna, como revalorizando as fontes teológicas através das pesquisas históricas<sup>12</sup>.

A Igreja nunca se pronunciou tanto sobre a arte como na segunda metade do século XX. Porém, as declarações do próprio Concílio – sobre arquitetura, literatura, poesia, música e belas artes – foram raras e se concentram na Constituição sobre a liturgia, *Sacrosanctum concilium*. Pouco desenvolvidas, no entanto, são de grande valor e revelam uma audácia de concepção<sup>13</sup>.

#### 4.1 O Vaticano II e as artes

Há três textos<sup>14</sup> significativos da reflexão da Igreja sobre sua relação com a arte contemporânea: as constituições do Concílio Vaticano II – uma sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium* e outra, *Gaudium et Spes*, da relação da Igreja com o mundo contemporâneo, e algumas palavras que Paulo VI dirigiu aos artistas antes do término do Concílio.

No *Sacrosanctum concilium*, a Igreja se diz amiga das belas artes, solicita seu ministério e espera mais que acolher obras novas ou preservar as antigas de serem descartadas quando muda o gosto (124). Não se limita ao papel de comandatária, quer formar artistas e reivindica a competência e o direito de julgar as obras (124 e 126). O Concílio concede às comissões nacionais diocesanas de arte sacra o cuidado desse julgamento (126). A Igreja não elegeu estilo (123): todos podem servir ao rito, mas não serão aceitos sem crítica (126), e admite os gêneros de cada época e região desde que sirvam aos edifícios e ritos sagrados com o respeito e honra devidos. E quer continuar “amiga das artes” (122), mas exigente: acolhe inovações contanto sejam capazes de suscitar obras em harmonia com a prática litúrgica e a doutrina<sup>15</sup>.

Paulo VI<sup>16</sup> lembra a responsabilidade da Igreja no distanciamento da arte do seu tempo, estimula artistas a obter informação religiosa necessária à arte litúrgica e manifesta o desejo de retomar o diálogo com os artistas. Por fim, *Gaudium et Spes* (1965), no capítulo do diálogo com a cultura, encoraja a Igreja a aderir às correntes de arte contemporânea que, como expressão humana, ajudam a enraizar e exprimir a fé. Convida-se à promoção

11 Dom Geraldo Majella AGNELO, Arcebispo Emérito de Salvador. Disponível em: [www.paulus.com.br/institucional/odomingopalavra/9-de-dezembro-20-domingo-do-advento](http://www.paulus.com.br/institucional/odomingopalavra/9-de-dezembro-20-domingo-do-advento). Acessado em 4 de jan. de 2013.

12 J.B. LIBÂNIO, O Concílio Vaticano II e a Modernidade. Disponível em: [www.jblibanio.com.br/modules/mastop\\_public/?tac=101](http://www.jblibanio.com.br/modules/mastop_public/?tac=101). Acessado em 26 de jan. de 2013.

13 François BOESPFLUG, *Dieu et ses images: une histoire de l'Éternel dans l'art*, p. 445.

14 Cf. Anexo 2, p. 302.

15 François BOESPFLUG, *Dieu et ses images: une histoire de l'Éternel dans l'art*, p. 445.

16 Em 7 de maio de 1964.

de uma “nobre beleza”:

A Igreja deve reconhecer as novas formas artísticas, que se adaptam às exigências dos nossos contemporâneos. Sejam admitidas nos templos quando, com linguagem conveniente e conforme as exigências litúrgicas levantam o espírito a Deus. Deste modo, o conhecimento de Deus é mais perfeitamente manifestado; a pregação evangélica torna-se mais compreensível ao espírito dos homens e aparece como integrada nas suas condições normais de vida. (GS 62)

## 5 | CLAUDIO PASTRO: UM ARTISTA PÓS-CONCÍLIO



Figura 2: Cláudio Pastro. Mãe de Deus. Têmpera sobre concreto.  
Coro monástico da Igreja Abacial de Santa Maria. São Paulo/SP. 2012.

Pastro<sup>17</sup> se via como um bom fóssores: o coveiro das catacumbas, que prepara o pré-defunto, conforta a família, prepara a cova, até a “festa” da passagem, o velório, para conduzir essa alma ao paraíso. Como fóssores, Pastro prepara o espaço sagrado. Sua obra revela aspectos da arte no Concílio como a volta às fontes, a nobreza da arte, seu lugar na fé cristã como ministério, o serviço à liturgia, a relação entre arte e inculturação. O artista se inspirou nos primitivos cristãos, nos traços e cores românicos e na dignidade hierática do ícone bizantino.

A arte havia se tornado acadêmica, secular, com temas religiosos, mas não sacra. O devocionismo levou os santos ao centro dos santuários<sup>18</sup>, no lugar de destaque. O *ad fontes* permite resgatar a arte do subjetivismo e dirigir a ação litúrgica ao Senhor. Como diz

<sup>17</sup> Em 2008, na palestra “A ferida da Beleza”.

<sup>18</sup> Santuário é o mesmo que presbitério: lugar mais importante de todo espaço celebrativo, por isso deve ser de preferência, visível a toda assembleia. Nele ficam: altar, sédia, ambão, cruz processional, relíquia do santo ou mártir.



Pastro: “e a arte como expressão do belo, da presença, da glória de Deus, não poderia ser a mesma dos últimos séculos”<sup>19</sup>. A arte sacra, diz Boespflug, constitui

O mais alto nível que pode alcançar a arte religiosa e a arte em geral: aqui prevalece uma graduação que vai na contramão da tendência que prevaleceu desde o século XIX nos meios da arte e cultura, onde a arte religiosa foi geralmente considerada como um grau inferior da arte, ao ponto que os artistas não aceitavam, de bom grado, ser artista religioso, pois tinha um aspecto restritivo e pejorativo.<sup>20</sup>

Para o Pastro, é a forma que faz a arte sacra, não o tema. Em seus projetos e programas iconográficos, o artista nos lembra que Cristo é o celebrante, o sacerdote preside. Diz ele:

Porque celebramos unicamente o mistério pascal, a iconostase é um belo e proveitoso elemento litúrgico. Como centro é o Cristo, recomenda-se pintar um Pantocrator. É o Cristo, Mestre e Senhor, com a Escritura em sua mão esquerda contendo uma frase-mantra para a comunidade, por exemplo: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” ou “Eu faço nova todas as coisas.”<sup>21</sup>

## 6 | MARKO IVAN RUPNIK: O ARTISTA DA BELEZA



Figura 3: Marko Ivan Rupnik. *Rostos de Maria e de Cristo*.

Capela da Casa do Clero. Požega, Croácia. 2007.

O jesuíta e artista esloveno Marko Ivan Rupnik<sup>22</sup> se inspira na Palavra de Deus e, como Pastro, tem como guia o Concílio Vaticano II no convite a reler o Primeiro Milênio, a era patrística, e buscar iluminação em períodos como o românico e o primeiro bizantino.

19 Claudio PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, p. 13.

20 François BOESPFLUG, *Dieu et ses images: une histoire de l'Éternel dans l'art*, p. 445.

21 Claudio PASTRO, *Guia do espaço sagrado*, p. 79.

22 Salloga d'Itria, 28 de novembro de 1954.



Rupnik observa que a cultura ocidental deu precedência à verdade e ao bom e negligenciou o belo ao reduzi-lo a algo decorativo, não necessário<sup>23</sup>. Rupnik é especialista nos pensadores russos dos séculos XIX e XX que refletiram sobre a beleza, como Vladimir Solov'ëv, Pavel Florenskij e Nicolas Berdiaev. Solov'ëv sustenta que um bem que não se torna beleza é perigo para o homem, a ditadura do bem é suprema expressão do mal. A verdade que não se torna beleza é um monstro que destrói o homem. Em nome da verdade muitos morreram e em nome de ideias humanistas a época moderna matou dez milhões de pessoas. Solov'ëv afirma que a ideia que não é capaz de encarnar-se como beleza demonstra sua impotência<sup>24</sup>. Para Rupnik, o mártir Florenskij fez a melhor síntese: “a Verdade manifestada é o amor – Cristo – o amor realizado é a beleza. A beleza realizada é manifestação da verdade como amor”<sup>25</sup>. Rupnik<sup>26</sup> sublinha que a arte cristã nasce nas catacumbas, na contramão da arte greco-romana, abandonando a ideia de perfeição. E que nasceu simbólica e deve ser simbólica<sup>27</sup>.

## 7 | CLAUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK

Pastro e Rupnik nunca se encontraram, tinham processos distintos – este e sua equipe trabalham com mosaico e Pastro com outras técnicas – mas a arte deles tem muito em comum: é serviço litúrgico, deve ser simbólica, levar o fiel à contemplação, ao desejo de se ajoelhar e rezar. Criticam a arte Renascentista, do deslumbre pelo virtuosismo. E veem o Barroco como tentativa fracassada de voltar à arte sacra. Ambos insistem que a Presença do Invisível só é percebida em uma cultura do símbolo, em que “as coisas e acontecimentos” indicam outra realidade. No universo limitado pelo visível, não há a ação do Mistério, apenas ação humana, fraca, limitada e até usurpadora. Os símbolos são sinais repletos, contêm a realidade.

O lahweh de Isaías diz: “Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus.” (Is 44:6). O Apocalipse cita o texto do profeta e acrescenta para os fiéis de cultura grega o simbolismo com a primeira e última letras do alfabeto: “Eu sou Alfa e Ômega, Aquele que é, Aquele que era e Aquele que vem, o Todo Poderoso” (Ap 1:8). Após a visão de Deus a presidir a criação, João ouve: “eis que faço nova todas as coisas” [...] “Eu sou Alfa e Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21: 5-6). No capítulo final, Cristo assume os títulos reservados a Deus: “Eu sou alfa e Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Ap. 22.13)<sup>28</sup>.

23 Em entrevista publicada no semanário “Igreja Viva”, suplemento do “Diário do Minho”, da arquidiocese de Braga: [http://www.snpcultura.org/cultura\\_ocidental\\_negligenciou\\_o\\_belo\\_marko\\_rupnik.html](http://www.snpcultura.org/cultura_ocidental_negligenciou_o_belo_marko_rupnik.html), acessado em 12 de julho de 2018.

24 Marko Iva Rupnik. *L'autoritratto della chiesa, arte, bellezza e spiritualità*. Bologna: EDB Lampi, Centro Editoriale Dehoniano, 2015, p. 18.

25 Marko Ivan Rupnik. *Via della bellezza sapienza di vita. Museu della Basilica, Santa Maria delle Grazie, Quaderni 5*. Firenze: Edizione Feeria, 2007, p. 19.

26 Em palestra na PUC-PR, em set. de 2017.

27 11º Encontro Nacional de Arquitetura e Arte Sacra, realizado em Curitiba pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Segunda palestra do dia 20 de set. de 2017.

28 Gérard-Henry BAUDRY, *Les symboles du christianisme ancien: Ier-VII siècle*, p. 57-58.

## REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. *Image et culte: une histoire avant l'époque de l'art*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.
- BAUDRY, Gérard-Henry. *Les symbols du christianisme ancien: Ier-VII siècle*. Paris: Édition du Cerf, 2009.
- BESANÇON, Alain. *L'image interdite: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme*. Paris: Gallimard, 2000. (Collections folio/essais)
- BOESPFLUG, François. *Dieu et ses images, une histoire de l'Éternel dans l'art*. Paris: Éditions Bayard, 2008.
- DAWSON, Christopher. *A Formação da cristandade: das origens na Tradição judaico-cristã à ascensão e queda da unidade medieval*. Tradução, Marcia Xavier Brito. É Realizações Editora: São Paulo, 2014.
- EVDOKIMOV, Paul. *L'Art de l'icône: Théologie de la beauté*. Paris: Desclée de Brouwer, 1972.
- GOVEKAR, Natasa. (a cura di). *Il rosso della piazza d'oro: Intervista a Marko Ivan Rupnik su arte, fede ed evangelizzazione*. Roma: Lipa Edizione, 2013.
- IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453*. São Paulo: Paulus, 2004. v. I
- PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra: o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- RUPNIK, Marko Ivan. *Via della bellezza sapienza di vita*. Museu della Basilica, Santa Maria delle Grazie, Quaderni 5. Firenze. Edizione Feeria, 2007
- RUPNIK, Marko Ivan. *L'autoritratto della chiesa, arte, bellezza e spiritualità*. Bologna. EDB Lampi, Centro Editoriale Dehoniano, 2015.
- SPIDLIK, Card.Tomas; RUPNIK, Marko Ivan. *Teología de la evangelización desde la belleza*. Traducción Pablo Cervera, Lourdes Vásquez, y Sol Corcuera. Madrid: Estudios Y Ensayos – Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2013.

### Créditos das Imagens

**Figura 1:** Afresco. Virgem orante com o Menino. Cemitério Maior. Roma, Itália. Séculos III-IV. O Cristo Pantocrator, Wilma Steagall De TOMMASO. São Paulo: Paulus Editora, 2017 p. 45.

**Figura 2:** Cláudio Pastro. Mãe de Deus. Têmpera sobre concreto. Coro monástico da Igreja Abacial de Santa Maria. São Paulo/SP. 2012.

Acervo particular.

**Figura 3:** Marko Ivan Rupnik. Rostos de Maria e de Cristo. Capela da Casa do Clero. Požega, Croácia. 2007. Disponível em <<https://www.centroaletti.com/opere/cappella-della-casa-del-clero-pozega-2007/>>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12

Arte paleocristã 45

### B

Bíblia Hebraica 1, 4, 5

### C

Ciberteologia 16, 21, 22, 26, 27

Comunicação 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 54, 57, 59, 60

Concílio Vaticano II 17, 20, 21, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 49, 51

### D

Despreconceituosamente 65, 66, 67

Diálogo 4, 9, 19, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 57, 65

### E

Era digital 16, 17, 20, 23, 24, 26

Espiritualidade 22, 54, 58

Evangelização 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27

Exegese Bíblica 1, 4

### H

Hierarquia 29, 31, 33, 48

### I

Igreja Católica 16, 22, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 66, 67

### L

Linguagem imagética 54

### N

Narrativa do Êxodo 1

### P

Pastoral 16, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 35, 38

Povo de Deus 34, 35, 40, 44

Preconceito 68

## **R**

Religião 14, 15, 16, 29, 41, 42, 43, 48, 54, 58, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

## **S**

Séfora 1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Simbologia 54, 57, 58, 59, 60, 61

## **T**

Tarô 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

## **U**

Umbanda 60, 65, 66, 67, 68, 69

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

